

A graphic in the top-left corner consisting of a solid red shape that bleeds into a cloud of smaller red dots and splatters, extending towards the center of the page.

Autor
ORISVAL BRITO

A
SAGA
DO
VAMPIRO
MOGKULL

Volume I

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste ebook pode ser reproduzida, distribuída, transmitida ou armazenada, no todo ou em parte, por qualquer meio, incluindo gráfico, eletrônico ou mecânico, sem a expressa autorização por escrito do autor, exceto no caso de breves citações incluídas em artigos críticos e resenhas.

Ficha catalográfica feita pelo autor

B869-3

Título: A Saga do Vampiro Mogkull | Livro 3 | Revelação do Mal

Autor: Orisval Brito

Páginas: 191

ISBN: 978-65-00-39578-5

Assunto: Ficção, Ficção Nacional, Sobrenatural, Vampirismo, Investigação, Cultura Oriental

Ano e Cidade de Publicação: Goiânia, 2022

Capa e diagramação: Samuel Peregrino

CDU: 82-3

CDD: 398.21



Revelação do Mal

LIVRO 3



Sumário

3	Esclarecimento do Autor
4	Considerações Gerais
5	Capítulo 1 – A Morte na Espada Ninja
23	Capítulo 2 – O Combate
42	Capítulo 3 – Jacken se Movimenta
51	Capítulo 4 – Um Visitante Letal
65	Capítulo 5 – Katleen Em Ação
78	Capítulo 6 – Por Um Triz
84	Capítulo 7 – Joseph Não Desiste
99	Capítulo 8 – Yushio Acuado
103	Capítulo 9 – Mogkull Ataca
108	Capítulo 10 – A Ética de Langelow
122	Capítulo 11 – A História de Ralph
132	Capítulo 12 – A Capa Preta Que Intriga
139	Capítulo 13 – Inquietação Geral
154	Capítulo 14 – A Cosa Nostra Em Apuros
160	Capítulo 15 – A Reunião Dos Clãs
174	Capítulo 16 – A Ajuda De Umei Tengu
95	Capítulo 17 – Retornando de Lugar Nenhum
100	À Guisa de Epílogo.



Nota do Autor

Este é um livro de ficção. Fatos, nomes, lugares, acontecimentos, tudo nada tem a ver com a realidade. Apenas algumas ruas de NY são citadas, mas somente para dar um colorido de realidade ao conto. A 21st deste conto não corresponde à 21st da megalópole. Se alguma pessoa possuir nome que se identifique com algum dos que aqui são mencionados é mera coincidência e não deve ser levado à conta de citação da dita pessoa na trama do conto. Do mesmo modo, se alguma empresa em qualquer parte do mundo tiver designação igual à de alguma aqui citada, também é mera coincidência que não deve ser levada em consideração.

Orisval Brito

Considerações gerais



medo é o Sentimento que mais presente está em nossa vida. Sem ele, todos os animais da Terra, inclusive a raça humana, já estariam extintos há muitos milênios. Se é que teriam conseguido sobreviver ao menos um dia no começo dos tempos...

A desorientação é a Reação Psicológica que mais nos perturba quando algo fora do contexto de nossa área de conforto sobrevém sobre o sossego de nossas certezas. Somos seres controladores e buscamos controlar tudo ao nosso redor e dentro de nós mesmos para vivermos com a sensação psicoemocional de que “estamos seguros porque estamos no controle”.

A Ansiedade é a reação psicofisiológica que, quando muito intensa e duradora, nos assoma e nos invade, desorganizando nossos sentidos perceptivos e perturbando nossa capacidade de pensar objetivamente. Quando extrema, ela se torna uma doença fisiológica de resultados terríveis. Mas a Ansiedade não perturba somente nosso fisiologismo. Ela também atua desorganizando nossa segurança relativamente ao meio em que interagimos e isto é desastroso em todos os sentidos e exagerando nossos processos fantasiosos, fazendo que percamos nossa assertividade nos dilemas mais simples.

Medo, Desorientação e Ansiedade são os nossos inimigos desde quando o homem desenvolveu seu sentido de posse e buscou controlar o que passou a julgar que é seu. E o que é mais precioso para

qualquer pessoa é ela mesma. É a inviolabilidade de seu corpo, de seu Ser psicoemocional e de sua Percepção de Segurança...

Mogkull busca desorganizar o ambiente psicossocial de suas vítimas antes de as atacar. Raramente ele ataca alguém sem, antes, ter perturbado suas certezas e sua percepção de segurança e controle. Sem uma convicção firme de que possui a certeza sobre os processos interativos que vive; sem a segurança de que percebe a verdade nos processos em que está engolfada diariamente, toda pessoa perde o rumo e fica sem chão. Muitos entram em alta ansiedade e isto é um desastre quer para sua saúde, quer para sua interação familiar, quer para sua produtividade no que quer que esteja fazendo.

Mogkull é o Mal-Nosso-de-Cada-Dia. Quer um exemplo prático? Político corrupto. Ele é a encarnação indiscutível do Vampiro Mogkull. Ele é impiedoso porque é ganancioso. Ele é cruel porque rouba a verba que se destina à Saúde Pública, mesmo em tempos de Pandemia, como a que vivemos do Corona Vírus. Ele é *um morto-vivo que ri e se apresenta como bonzinho durante o dia, mas durante a noite ataca à traição*. E a noite para o Corrupto é a sombra do Crime de Colarinho Branco, onde busca por todos os modos passar despercebido.

Quanto mais “bonzinho” se apresenta o Político Corrupto, mais cruel e sangrento; mais perigoso e mau ele é. Ele é a encarnação viva de Mogkull, a Morte que vem das Sombras de nosso Inconsciente Coletivo. Ele promove a desorientação do povo sobre o qual “reina” com demoníaca satisfação em roubar e humilhar a todos. Ele mente; ele disfarça; ele trai; e ele vive para buscar incessantemente praticar a Lei do Gerson:

LEVE VANTAGEM EM TUDO.

Isto é Mogkull...

Goiânia, 20 de janeiro de 2021

O Autor.

Cap. 1 – Choque Cultural

Assim terminou o Capítulo 25 do livro anterior:

“Katleen lançava olhares de medo para trás, temendo ver aquele bicho horrendo vindo atrás do carro, mas só havia escuridão. Com um salto final a poderosa máquina pulou para o asfalto e o rapaz engrenou a quarta e a quinta quase a seguir. A velocidade chegou aos cento e vinte quilômetros e as curvas tornavam-se tão próximas umas das outras que se tinha a impressão de que a pista era uma cobra que coleava viva sob os pneus do auto...”

Correram assim até chegarem ao primeiro motel, quarenta quilômetros depois da descida da serra. A chuva não diminuía de intensidade e o casal entrou no *living* pingando água. Conseguiram um quarto para ambos e se meteram lá dentro. Tomaram um banho quente, cada qual por sua vez, e, enrolados em lençóis, pois as roupas molhadas estavam sobre o aquecedor para secarem, sentaram-se, ela na cama e ele no sofá. Tinham pedido o jantar no apartamento e, agora, alimentados, descansavam da estranha e assustadora aventura.

— Puxa vida! — Disse o rapaz, relaxando pela primeira vez. — Quando contar o que nos aconteceu ninguém vai acreditar. Um lobo na floresta daqui! Isto não existe há mais de um século! Como é que aquela fera foi parar lá em cima? Muitas vezes caçamos por aqui, papai e eu, e jamais vimos lobos nem na mata, nem nas lapas das montanhas. Eles existem, mas não costumam se deixar ver assim, de modo tão violento e tão assustador. Até seus uivos são raros...

— E o urso? Um grande urso pardo — falou Katleen, afobada.
— Eu sei que há ursos na montanha, eu sei disto; mas não sabia que os pardos também andavam por ali. Cheguei a ver alguns ursos pretos quando era adolescente e fazia acampamento escolar na floresta. Mas urso pardo? Não me recordo de ter visto algum — comentou a jovem.
— O que vamos fazer, agora? Eu não me animo a voltar àquela estrada de novo.

— Vamos esperar que a tempestade passe e voltamos lá, sim. Nosso encontro com papai, agora, é imprescindível. Temos de avisá-lo do perigo. Vai que aquelas feras terminam por ir parar perto de onde ele está? Não demora e vão farejá-lo. E aí vamos ficar órfãos rapidinho e você perde sua mesada, o que não vai ser nada bom para seu futuro. Vamos esperar que a tempestade passe. Ela não deve durar a noite toda. Amanhã, nós voltamos a subir a serra...

— Quem? Nós? Não, muito obrigada. Estou fora! – Exclamou Katleen com decisão na voz. Estava apavorado com a recordação vívida que tinha das feras que vira. Alguma coisa fora do normal tinha acontecido lá em cima. Tinha certeza disto em seu íntimo. A famosa intuição feminina. Seu irmão, por ser homem, não tinha este sexto sentido, mas isto, para ela, agora pouco importava. Não estava nem um pouquinho motivada a retornar àquele lugar maldito. Que seu pai se safasse sozinho do apuro. Afinal, quem mandou que se embrenhasse por aquele local tão isolado? Desde criança que ela não gostava da solidão que pesava sobre a cabana, quando iam para lá. Mas havia sempre a algazarra dos quatro – ela, Jacken, Maureen, sua mãe, e seu pai. E havia música. E havia TV na cabana... Coisas que os mantinham ligados à realidade e ao mundo exterior. A mata era sempre escura, mesmo ao meio-dia. Os pássaros eram raros e os insetos, abundantes. E isto sem contar as cobras... Mas aquela atmosfera pesada nem era notada por eles.

— Mas você é a primeira interessada, esqueceu-se? — Ouviu a voz de seu irmão interrompendo suas recordações desagradáveis. Voltou-se para ele e fixou o olhar em seu rosto. Estava decidido, podia perceber isto e ficou hesitante. Sentia que seu irmão queria voltar àquela estrada de arrepiar porque estava preocupado com a segurança de seu pai. Eram muito apegados, os dois.

— Sim, eu sou a primeira interessada, concordo. Mas posso esperar que o desmiolado de nosso pai retorne lá de cima. Não quero mais encontrar aquelas feras pela minha frente, nunca mais. Aliás, quero esquecê-las, se isto for possível...

— Não é possível, Katleen. Quem viu aquilo lá nunca mais esquece. E se você pensa que não estou com medo, ou que sou louco, está errada. Tenho medo, sim. Aquilo foi indescritível. Eu senti a morte bafejando meu cangote e lhe garanto que não fiquei nem um pouco satisfeito com isto. Mas temos dois problemas para resolver: um, o seu, que é particular entre você e papai. O outro, a segurança dele. Não posso deixar de pensar no perigo que deve estar correndo, agora. Algo me diz que se não for avisado sobre aquelas “coisas” anormais que nos atacaram, ele terminará por ser morto. Papai é afoito e carece do sentimento mais básico e protetor da vida que todos temos: o medo. Ele, por uma boa caçada, não recua diante de nada... — Murmurou McFeelton após um momento de reflexão.

Katleen ficou em silêncio olhando para o irmão. Então, perguntou:

— Você teve medo? Porque eu quase me borrei toda...

— Eu? Oh, claro que sim! Fiquei paralisado quando vi o urso e quase me urinei quando dei cara com aquele lobo dos infernos... — Disse o rapaz, com um leve tremor no corpo. Katleen ficou sem saber se sorria ou não, pois o seu irmão falava sério.

— Eu pensava que você jamais sentia medo. É tão... tão... Tão forte... Tão convencido... Tão senhor de si...

Jacken olhou sua irmã nos olhos e sorriu. E meneando a cabeça, ele falou sorrindo e sem nenhum constrangimento em confessar que ele também tinha sido tomado por intenso medo.

— É, mas não estou acostumado a encarar feras soltas na mata, minha cara. Enfrento feras de duas pernas, como eu, em locais próprios para isto, com regras. E entre estas, não há uma que seja a principal e única: matar. Aqueles bichos, qualquer deles, matar-nos-iam sem qualquer respeito ou consideração. Para eles, nós é que éramos as caças.

— Jacken — disse a jovem subitamente preocupada, — você acha que papai ainda não foi atacado por aqueles bichos?

O rapaz franziu o sobrecenho. Até aquele momento não tinha pensado naquela probabilidade, mas ela era mais que viável. A cabana, feita de troncos de madeira, era forte. Tinha portas e janelas reforçadas para evitar justamente o ataque de ursos pretos, dos quais havia muitos por lá. Mas o lago era totalmente selvagem e desprotegido. O ancoradouro ficava a mais de duzentos metros abaixo da cabana, por um caminho que coleava por entre touceiras de arbustos e árvores centenárias. Qualquer dos dois animais poderia atacar de surpresa o viandante desprotegido. McFeelton teimosamente não permitira que as árvores fossem derrubadas, até mesmo para que se visse melhor o grande lado adiante e abaixo da cabana. Dizia que vislumbrar a superfície das águas por entre a densa folhagem era algo mágico e ele gostava desta impressão.

— Papai tem um celular. Vou tentar contatá-lo — disse o rapaz apanhando o telefone do gancho. Nenhum sinal. O aparelho estava mudo.

— Droga, não há sinal! — Exclamou aborrecido.

— Deve ser devido à tempestade — disse Katleen. — Teremos de esperar até amanhã. E por falar nisto, onde você vai dormir?

Jacken vagueou o olhar pelo quarto. Só havia a cama de casal, duas cadeiras sofás, um armário para roupas e um frigobar. Ele sorriu e respondeu:

— Na cama. Não há mais nada aqui para se deitar.

— O quê? — Exclamou Katleen, surpresa.

— Eu disse que vou dormir na cama! — Respondeu ele, sério.

— E eu? — Perguntou a garota, espantada.

— Pode dormir ao meu lado ou no chão, como quiser. Mas aconselho a que permaneça onde está. O chão é frio e estas cadeiras são pequenas, mesmo para você. Vai acordar com dor no corpo todo, se quiser dormir aqui.

— Mas não podemos deitar juntos, Jacken! Somos irmãos! — Escandalizou-se Katleen.

— Somos. E daí? — Jacken soltou uma gargalhada quando viu a expressão de espanto e horror na face da irmã.

— Katleen — disse entre risos —, somos irmãos... Vamos deitar e dormir, não fazer sexo. Não sou tarado. Se tem este conceito sobre mim, sinto decepcioná-la.

— Mas... Mas vou estar nua! Minhas roupas estão molhadas... — Murmurou a moça, corando.

— E eu também. O que tem isto? Não me consta que você seja aleijada. Também eu não o sou. Somos homem e mulher normais, você com a sua “peludinha” e eu com meu “cabeçudo”. Portanto, nenhum de nós dois vai ficar assustado com a as partes íntimas comuns a todos os seres humanos. Estamos cansados, assustados e não somos tarados. Então, não há problema em dormirmos pelados um ao lado do outro.

O rapaz levantou-se, apagou a luz e embrulhado como estava na grande toalha de banho meteu-se sob as cobertas calmamente ao lado da irmã. Ela afastou-se o quanto pôde, para evitar o contato dos corpos.

— Você é louco! — Murmurou a moça, corando.

— Não. Sou prático! — Corrigiu o jovem. Não podia ver a face da irmã, mas podia imaginar o quanto ela devia estar confusa. Afinal, tinha sido criada dentro dos estreitos preconceitos do catolicismo e o simples fato de deitar-se nua ao lado do irmão era visto por ela como um pecado mortal. Jacken riu baixinho, voltou-se para o outro lado e logo adormecia de cansaço...

Um relâmpago riscou o céu e o quarto clareou como se a luz do dia tivesse vindo visitá-los por alguns segundos. Seguiu-se o ribombo violento de um trovão que fez tremer as paredes, o chão e a cama. Katleen não percebeu quando gritou e saltou sobre o irmão, agarrando-se a ele, tremendo de medo. O jovem McFeelton apenas riu e passou o forte braço protetoramente sobre o corpo nu da assustada irmã.

A noite arrastou-se pesadamente e sempre sob o aguaceiro que parecia não querer mais parar. Katleen dormiu abraçada ao corpo do irmão. A toalha de banho estava embolada ao lado dele, pois dormindo, ele se virara várias vezes para os lados. Seu tronco forte, o abraço seguro, o calor do corpo, o bater ritmado do coração do rapaz

acalmaram a jovem e assustada Katleen e logo ela também era vencida pelo cansaço. Jacken McFeelton, entretanto, demorou a conciliar o sono. Não pela mulher em seus braços. Dela, estava quase esquecido. Mas de sua mente não saíam os olhos daquele lobo maligno e aquela coisa vestida de capa preta que vislumbrara por um momento sobre o teto de seu carro. Os olhos do lobo eram amarelos, demoníacos. E brilhavam estranhamente na escuridão. Uma aura malévola parecia evoluir-se do corpo do animal, o que não acontecia com o grande urso pardo. Seu pensamento divagou sobre a região e sua história. Lera, em algum lugar, que há três ou quatro séculos as montanhas eram habitadas por algumas tribos de índios, entre eles quatro famílias seminóis. Como vieram parar ali era coisa que não se sabia dizer. Mas era sabido que todos praticavam artes mágicas e pajelança. Quando os brancos abriram guerra contra eles e os foram massacrando, diz a lenda que tinham lançado a maldição do Urso e do Lobo sobre a região. E desde então, a cada 78 anos, as tais feras surgiam para matar durante um dia e uma noite. Havia uma centena de histórias sobre os ataques, mas na verdade, a não ser pelo povo dali, ninguém acreditava naquilo. Curiosamente, depois de uma família inteira ter aparecido esvaçada, há quatro anos, tinha sido feita uma pesquisa e se tinha descoberto que todos haviam sido atacados por animais selvagens. Houvera muita especulação a respeito, mas não ficara realmente provado que tinham sido atacadas por um lobo maldito ou um urso demoníaco. No entanto, próximo à casa das últimas vítimas, tinham sido encontradas pegadas de um urso gigante o qual, caçado por toda a montanha, jamais fora encontrado.

O dia amanheceu nublado, mas não chovia mais. Katleen sendo despertada pelo pênis de seu irmão, que estava *imoralmente* rígido e pulsando contra sua coxa. Ela foi a primeira a pular da cama envergonhada de ter passado a noite abraçada nua ao irmão, com sua coxa sobre o sexo dele. Foi, também, a primeira a se vestir e a correr para o

restaurante. O jovem rapaz foi encontrá-la já alimentada e sentada à mesa somente à sua espera.

— O que houve? — Perguntou ele, sentando-se e fazendo o pedido.

— Sobre? — Fez-se a moça de desentendida.

— Pensei que tivesse fugido... ido embora. Quando acordei não a vi no apartamento. Por que não me chamou?

— Estava envergonhada... E ainda estou. Acordei com seu... seu pênis duro, batendo em minha perna... — Confessou ela, baixando os olhos.

— Ah! — Fez ele abrindo um largo sorriso no rosto másculo. — Sua religião provavelmente vai condená-la às agruras do Inferno para todo o sempre, não é? Mas é uma reação normal no homem normal, mana. Bexiga cheia, tempo frio... Para não urinar a cama e devido a intenso condicionamento maternal, nosso corpo, o dos homens, se defendem de possível reprimenda enrijecendo nosso pênis e, com isto, impedindo o ato da micção. Simples, não é? Não sei se você sabia disto, mas quando o *pau* está duro nenhum homem consegue urinar.

Katleen arregalou os olhos e fitou o irmão com expressão de incredulidade. Ele ironizava um acontecimento que, para ela, religiosa, era absolutamente tabu e sensível.

— Não me fale deste jeito imoral, caramba! E não brinque com coisas sérias, Jacken. Somos irmãos e dormimos nus, como amantes, um nos braços do outro. Despertei com o seu sexo batendo de encontro meu... — e a moça corou até à raiz dos cabelos.

— Dormimos nus, sim. Um nos braços do outro, também. Mas não como amantes, maninha. Que Deus é esse que você adora? Ele nos cria tal como somos e nos condena quando somos obrigados a dormirmos juntos por falta absoluta de acomodações? Uma amante minha, quando dorme em meus braços é porque fez amor comigo até não aguentar mais. E você, pelo que me lembro, abraçou-se comigo por medo. Não havia clima para sexo. Eu mesmo não estava nem um pouco voltado para isto. E se você se lembra, eu não estava com ereção. Acho até que se você me masturbasse, o “cabeçudo” não responderia aos seus esforços... Então, à noite, fomos duas crianças assustadas, buscando segurança uma nos braços da outra. E quanto ao enrijecimento de meu pênis é uma defesa condicionada no processo educacional por que todos nós passamos. Quando a bexiga enche e a urina está a ponto de sair, o pênis é intumescido porque assim não há como a gente urinar na cama inconscientemente. Será que seu Deus malicioso não pode compreender uma coisa tão simples e perdoar sua devota por este... este pecado?

— Eu creio em Deus e sigo Seus mandamentos — Disse a moça, séria, após ter permanecido olhando durante um longo tempo o rosto zombeteiro de seu irmão. — Você se vangloria de ser ateu. Eu respeito sua posição, mas não acho que devesse zombar da idéia de Deus. Ele existe e é porque Ele existe que você também existe.

O jovem rapaz deu de ombros e pegou a colherinha de café para ficar batendo com ela na xícara enquanto falava.

— Ótimo para ele e para mim, portanto, pois se ambos, você e eu, estamos dependendo um do outro, ambos teremos de nos ajudar e nos aturar, gostemos ou não um do outro, concorda? De minha parte continuo gostando de minha irmãzinha, que há muito tempo eu deixara de ver e com ela brincar graças ao Sr. McFeelton e à Senhora Maureen. Até havia acreditado que você estava morta... Que morrera quando eu

ainda era muito pequeno... Sua lembrança, em minha mente, era difusa, inconsistente... Às vezes eu pensava que estava sonhando acordado. Não tinha nenhuma certeza de que você realmente existira em minha vida, entende?

Katleen apenas meneou a cabeça e soltou um suspiro de conformação. Seu irmão era um imbecil convicto.

— O que pretende fazer, hoje? — Perguntou a moça, mudando de assunto.

— Vamos tentar novamente chegar ao nosso destino — respondeu o rapaz, resolutivo.

— Mas... — Katleen relanceou os olhos temerosamente para as nuvens no céu. — E se chover de novo?

— Aí, retorno de onde estivermos. Não estou disposto a encarar aquela parada novamente. Não estou mesmo! — Sentenciou o rapaz acompanhando com os olhos a inspeção celeste de sua irmã.

— Será que aqueles bichos danados estão por lá? — Perguntou Katleen, num quase murmúrio.

— Devem estar — respondeu seu irmão olhando-a nos olhos e dando de ombros. — Mas desta vez vou armado. Vi uma doze no posto que deixamos para trás, há coisa de uns quatro quilômetros daqui. Vou lá comprar a arma e duas caixas de munição. Se um daqueles animais aparecer em nossa frente, atiro primeiro e pergunto depois o que desejavam. E se eu conseguir matar o tal urso pardo, sua pele vai-me render um bom dinheiro, além da fama de ter matado um bicho que vem es-traçalhando pessoas, segundo a lenda em que não acredito, desde trezentos anos passados... Ou mais!

Uma hora depois, quando viajavam de volta ao posto de gasolina para comprarem a arma, o sol surgiu radioso e as pesadas nuvens foram-se dissipando até não restar quase nada sobre o automóvel e o vale por onde este corria. Mas as nuvens estavam em cima da montanha, parecendo aguardar de tocaia os dois irmãos aventureiros. Jacken notou que sua irmã mantinha a cruz de prata que trazia pendurada no pescoço presa entre os dedos da mão direita o tempo todo. E orava baixinho. O rapaz não disse nada. Por via das dúvidas, a fé de sua irmã poderia valer para alguma coisa, pois ele era ateu convicto e não sabia rezar nem uma Ave Maria.

Longe dali o velho irlandês McFeelton levantou-se e foi olhar pela janela da cabana. O tempo ainda estava frio e uma névoa bailava por entre as folhagens, mantendo o escuro da madrugada ainda presente. O antigo relógio carrilhão dependurado na parede sobre a lareira marcava as 06:30 horas. Cedo.

— Oh, diabos, não vai dar boa pescaria, hoje — murmurou. — Mas talvez eu possa caçar alguns coelhos... um porco selvagem... patos...

A cabana era muito rústica. De moderno, só um telefone e este mesmo era um celular que estava esquecido sobre a lareira e com a bateria retirada para não descarregar depressa. O irlandês tratou de fazer um café bem forte e quente e o bebeu sem açúcar. Depois, fritou o *bacon* e juntou a ele alguns ovos fritos, colocou-os dentro de duas fatias de pão, derramou leite fervendo sobre o pó de chocolate e comeu e bebeu tudo gulosamente. Olhou para a caixa de cereais e deu de ombros.

— Mais tarde — disse de si para consigo, satisfeito. Pegou a arma, um rifle com mira telescópica, verificou a munição, vestiu a roupa contra o frio, colocou sobre a cabeça um gorro feito com pele